



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIANA FILGUEIRA VERAS

**O OLHAR DE MULHERES-MÃES SOBRE A MATERNIDADE: UMA
ANÁLISE CONSTRUCIONISTA**

Juazeiro do Norte
2020

MARIANA FILGUEIRA VERAS

**O OLHAR DE MULHERES-MÃES SOBRE A MATERNIDADE: UMA
ANÁLISE CONSTRUCIONISTA**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte
2020

MARIANA FILGUEIRA VERAS

**O OLHAR DE MULHERES-MÃES SOBRE A MATERNIDADE: UMA
ANÁLISE CONSTRUCIONISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 14/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Me. Moema Alves Macedo
Orientadora

Esp. Ana Carolina Lucena de Souza Moreno
Avaliadora

Dr. Joaquim Iarley Brito Roque
Avaliador

O OLHAR DE MULHERES-MÃES SOBRE A MATERNIDADE: Uma análise construcionista

Mariana Filgueira Veras¹
Moema Alves Macêdo²

RESUMO

A maternidade no decorrer da história nem sempre foi vivida da forma como conhecemos atualmente no Ocidente, durante muitos séculos a mulher não tinha o papel de ser a responsável pela educação, criação e amar obrigatoriamente as suas crias. Essas características apontadas como sendo inerentes ao papel da maternidade foram criadas com o advento do capitalismo, sendo reforçadas pelo patriarcado e o machismo. A noção de família e de criança foi se alterando seguindo noções políticas e os ideais de cada época, vislumbrando o lucro que a criança de hoje traria no futuro. Diante disso, o objetivo da pesquisa é analisar o sentido atribuído por mulheres-mães ao ato de maternar, para isso foi disponibilizado um questionário de forma online, direcionado as mulheres-mães, que residissem nos estados do Ceará e Pernambuco e tivessem dezoito anos ou mais. Segue o percurso metodológico de uma pesquisa construcionista, quanti-quali, de natureza aplicada que dialogou com os sentidos das vivências das mulheres-mães que participaram da pesquisa, obtivemos cento e trinta e uma respostas, a tabulação dos dados quantitativos e organização das categorias sociodemográficas foram feitas através do IBM SPSS 2.0. Para a análise dos resultados utilizamos mapas dialógicos, onde foram criadas categorias a posteriori, a partir da análise dos discursos destacados na pesquisa, as categorias criadas foram: “ser mãe é padecer no paraíso” onde foi analisado e refletido sobre as ambiguidades que aparecem nos discursos sobre o que é ser mãe; “ter o coração fora do corpo” discutindo sobre o amor de mãe, muitas vezes voltando-se para o maternar como algo sagrado e “abdicação é a palavra” onde se discutiu as abdições que as mães precisam muitas vezes fazer para dar de conta de tudo ao seu redor. As análises foram realizadas a partir das falas destacadas das participantes da pesquisa. Não se busca ao final da pesquisa responder a pergunta sobre o que é ser mãe, mas pensar essas vivências e formas da Psicologia aprofundar-se no tema e compreender a saúde mental materna.

Palavras-chave: Maternidade. Mulher. Mãe. Padecer. Abdicar. Amor.

ABSTRACT

Motherhood in the course of history has not always been lived the way we know it today in the West, for many centuries women did not have the role of being responsible for education, upbringing and obligatorily loving their young. These characteristics, pointed out as being inherent to the role of motherhood, were created with the advent of capitalism, and were reinforced by patriarchy and machismo. The notion of family and child was changing following political notions and the ideals of each era, glimpsing the profit that today's child would bring in the future. Therefore, the objective of the research is to analyze the meaning attributed by mother-women to the act of maternity. To do so, an online questionnaire was made available to mother-women living in the states of Ceará and Pernambuco who were eighteen years old or older. It follows the methodological path of a constructionist survey, quanti-quali, of applied nature that dialogued with the senses of the experiences of the

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: marianafilgueirav@gmail.com

²Mestre em ensino na saúde (UFAL). Docente UNILEÃO. E-mail: moema@leaosampaio.edu.br

women-mothers who participated in the survey, we obtained one hundred and thirty-one answers, the tabulation of quantitative data and organization of sociodemographic categories were made through IBM SPSS 2.0. For the analysis of the results we used dialogic maps, where categories were created a posteriori, based on the analysis of the discourses highlighted in the research, the categories created were: "to be a mother is to suffer in paradise" where it was analyzed and reflected on the ambiguities that appear in the discourses about what it is to be a mother; "to have one's heart out of one's body" discussing mother love, often turning to motherhood as something sacred and "abdication is the word" where it was discussed the abdications that mothers often need to do in order to realize everything around them. The analyses were carried out based on the highlighted speeches of the participants of the research. At the end of the research, it was not attempted to answer the question of what it means to be a mother, but to think about these experiences and ways of Psychology to deepen the theme and understand maternal mental health.

Keywords: Maternity. Woman. Mother. To suffer. To abdicate. Love.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho será analisado e refletido sobre as vivências de mulheres-mães a respeito da maternidade, bem como as mesmas compreendem o processo de maternar. Para isso, é necessário que compreendamos as mudanças no decorrer da história em torno na maternidade e da valorização do afeto e da família, e como esta repercute até a contemporaneidade.

Os papéis sociais de mulheres e homens em relação à procriação mudaram no durante a história, sobretudo quando refletimos sobre o desenvolvimento socioeconômico das sociedades (BALUTA E MOREIRA, 2019). Nem sempre o papel da mulher na história foi o de amar os seus filhos incondicionalmente, durante a Idade Média não era atribuído à maternidade um valor significativo, tampouco aos bebês (GRADVAHL; OSIS E MAKUCH, 2014). As famílias de alto poder aquisitivo entregavam os bebês para as camponesas pobres ou as amas-de-leite, e essas eram as responsáveis pelos cuidados com as crianças (MOURA E ARAÚJO, 2004). Assim, não era comum, nem tampouco exigido das mulheres que tivessem um envolvimento afetivo entre a mãe biológica e a criança.

O infanticídio e o abandono de crianças nessa época era uma prática recorrente, como forma de limitar a quantidade de pessoas da família e a vida era dividida com a comunidade. Não se tinham espaços de privacidade, afetando assim a forma de funcionamento da família, entretanto essas eram práticas comuns nessa sociedade (GRADVAHL; OSIS E MAKUCH, 2014).

Com o crescimento do capitalismo e a ascensão burguesa, entre os séculos XVII – XIX a maternidade e os cuidados maternos adquiriram lugar de status social (BALUTA E

MOREIRA, 2019). A mulher que cuida, amamenta, educa é aquela que ama incondicionalmente o seu filho (GRADVAHL; OSIS E MAKUCH, 2014). Discursos filosóficos e médicos reforçavam a ideia do gestar, parir e cuidar como “inerente à figura feminina” a “natureza da mulher” (MOURA E ARAUJO, 2004).

O Estado e a Igreja desde esse período até os dias atuais operam com o discurso de modo a regular a sexualidade e a capacidade reprodutiva da mulher, historicamente esses discursos foram moldando a sociedade e indicando papéis sociais de homens e mulheres. Além da pressão dessas instâncias, tem-se a sociedade estimulando as mulheres pela “escolha” da maternidade que muitas vezes acabam por cumprir o papel de mãe, mesmo sem ter certeza que realmente desejam fazê-lo (GONZAGA E MAYORGA, 2019).

Tendo em vista os dois cenários apresentados, a exaltação do amor materno é um fato relativamente novo na história da civilização ocidental bem como a constituição de um vínculo tradicionalmente descrito como “instinto natural”. As autoras Moura e Araújo (2004) e Gradvahl, Osis e Makuch (2014) apresentam nas suas pesquisas, que as mulheres que se afastavam dessa “natureza” sentiam enorme culpa e um sentimento de “anormalidade”.

Frente a isso cabe questionar sobre o que faz a mulher ser de fato mulher. Pois, enquanto a escolha pela não maternidade for considerada um sintoma de perturbação ou deficiência, Gonzaga e Mayorga (2019) destacam que a maternidade continuará sendo uma função prescrita para as mulheres e a qual estaremos sendo constantemente impelida a cumprirmos.

Entendendo o contexto histórico da maternidade e dos cuidados maternos é que nasce o desejo da realização dessa pesquisa, de aspirações subjetivas em compreender a história da maternidade e dos cuidados maternos bem como se as pressões sociais afetam e influenciam na escolha pela maternidade, visto que até os dias atuais esta é entendida por muitos como sendo inerente e natural da natureza feminina.

Compreender tais aspectos apresenta relevância científica e acadêmica, pois problematiza mudanças que ocorrem na contemporaneidade sobre o entendimento dos papéis tidos como femininos e as vivências amplas e distintas da maternidade e dos cuidados maternos.

Diante disso, essa pesquisa tem como ponto de partida a seguinte pergunta: Quais os sentidos as mulheres-mães atribuem a maternidade? O objetivo geral da pesquisa é analisar o sentido atribuído por mulheres-mães ao ato de maternar. Para isso, os objetivos específicos são: explicar os contextos históricos da maternidade e da maternagem e investigar como as mulheres visualizam o processo de ser mãe.

Portanto, esse estudo visa compreender a construção da maternidade e dos cuidados maternos dentro de um percurso histórico, a partir dos contextos apresentados e das respostas obtidas por meio do questionário respondido por mulheres que vivenciam ou cumprem o papel social de mãe.

2 A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE

2.1 A maternidade e a maternagem na cultura Ocidental europeia

Atualmente, a maternidade é para a mulher uma dentre as várias opções para a sua realização pessoal, porém, estudos que serão apresentados abaixo demonstram que nem sempre foi assim. Historicamente percebe-se uma variabilidade na expressão da maternidade e da maternagem, a partir do contexto social em que se está inserido, experiências, desejos, cultura, funcionamento emocional dentre outros aspectos (CORREIA, 1998).

Até antes da Era Moderna não se tinha a ideia de que as mulheres deveriam amar incondicionalmente os seus filhos. Por volta dos séculos XV e XVI os sentimentos de família e infância não existiam, embora existisse a instituição família não se tinha ela enquanto realidade concreta (STELLIN *et al.*, 2011).

Segundo as pesquisas de Zanello (2016), em meados de 1980 em Paris nasciam em média 21 mil crianças, desse total 19 mil eram enviadas as amas de leite e mil eram amamentadas pelas amas em suas próprias casas. As famílias de classe média alta entregavam seus bebês as-amas-de-leite, geralmente camponesas e pobres, para que criassem a criança até certa idade, depois voltavam as suas famílias de origem, ainda pequenos, mas eram tratados como adultos em miniatura (MOURA E ARAÚJO, 2004; STELLIN, *et al.*, 2011; GRADVAHL; OSIS E MAKUCH, 2014).

Além do aleitamento feito pelas amas de leite, em parte do século XVII e XVIII era comum o “enfaixamento de bebês”, práticas que se justificavam para manter o bebê duro, pendurando-o em um prego para protegê-lo dos animais, sobretudo de ratos. Contudo era comum que os bebês viessem a óbito por passar muito tempo na mesma posição, fazendo suas necessidades fisiológicas sem o devido cuidado de higiene para a sua sobrevivência (ZANELLO, 2016).

Logo que a criança crescia, possuindo o básico de autonomia, era levada a ajudar nos trabalhos domésticos e laborais, uma vez que a educação não era vista como algo importante. Mesmo quando voltavam para as suas casas de origem, eram cuidados pelas governantas da

casa. Além disso, o infanticídio nesse período era uma prática muito comum (MOURA E ARAUJO, 2004). Importante destacar a diferença de gênero quando essas crianças voltavam para suas casas, as meninas ficavam sob a responsabilidade das governantas nos cuidados domésticos e os meninos iam participar das atividades laborais juntos aos outros homens (BALUTA E MOREIRA, 2019).

Com o advento do capitalismo, era moderna, surge outro olhar para a infância, sobretudo a noção política de que as crianças chegassem à vida adulta, visto que estes seriam o futuro da sociedade. Com isso, o uso das faixas para pendurar o bebê foi caindo em desuso. A vigília e a atenção constante para as crianças foram se tornando importantes, fortalecendo a ideia das mães-cuidadoras, mulheres que deveriam abandonar seus outros interesses e atividades em prol do cuidado com seus filhos (ZANELLO E PORTO, 2016).

Os papéis parentais passaram a ser bem caracterizados e distintos, as relações em torno do afeto passaram a ser mais valorizadas, tanto em relação aos filhos quanto ao casal (RESENDE E BEDRAN, 2017). Gonzaga e Mayorga (2019) refletem sobre essa compreensão de família, afeto e educação tornando-se valorizada para controlar os corpos femininos. Bem como os corpos infantis que passaram a ser vistos como os trabalhadores do futuro. Nesse período a mulher era destinada a procriação, cuidar do lar e da família enquanto o homem tinha o papel de ser o provedor da mulher e dos filhos, restando então, a mulher ser obediente e subserviente (RESENDE E BEDRAN, 2017).

A maternidade e os cuidados maternos eram valorizados por darem destaque ao status social. A mulher capaz de se dedicar inteiramente aos seus filhos cuidando, amamentando e educando é aquela que ama seu filho incondicionalmente (RESENDE E BEDRAN, 2017). Os discursos médicos, religiosos, filosóficos da época reforçavam esses fatores como sendo inerentes à natureza feminina. Essa compreensão sobre a maternidade é, para muitas mulheres, fonte de sofrimento psicológico. Gradvahl, Osis e Makuch (2014) na sua pesquisa descreve que as mulheres que fogem desse padrão, sentem-se não pertencentes a essa “natureza”, sentindo enorme culpa e um sentimento de anormalidade.

Gonzaga e Mayorga (2019) discutem em sua pesquisa a maternidade como uma violência institucional e dessa forma destacam que enquanto a mulher que decide não exercer a maternidade for considerada perturbada ou deficiente, a maternidade, por si só, continuará sendo uma função prescrita para as mulheres, estando constantemente sendo impelidas a exercê-la.

O saber médico no século XVIII teve forte influência na disseminação de conteúdos sobre educação, criação e medicação de crianças para as famílias burguesas, delegando a mãe

o papel de cuidadora. Baluta e Moreira (2019) destacam três aspectos importantes para que essa função fosse exercida, são elas: a evitação da influência dos métodos e preconceitos serviçais, a valorização feminina dentro do aspecto de utilidade educativa e o fortalecimento da família como sinônimo de felicidade.

Todos os fatos sugerem que até o século XVIII o que se predominava era uma conduta de indiferença materna. Desse modo, Maldonado (2017, p.23) afirma que o amor materno não é um instinto, este pode ser compreendido como um sentimento, tal como todos os demais, “estando então sujeito a imperfeições, oscilações e modificações, podendo se manifestar só com um filho ou com todos”.

É sabido que muitas mulheres vivenciam a maternidade sem grandes crises, sejam pessoais ou relacionais. Entretanto, essa existência não pode ser generalizada para todas as mulheres, pois nem todas as mulheres quando se tornam mães amam os seus filhos incondicionalmente ou sequer amam os seus filhos (BALUTA E MOREIRA, 2019).

Essa ideia já foi muito reforçada socialmente em diversos aspectos aqui supracitados. O ideal de mulher e mãe ainda existe e é recorrente, entretanto o estilo de vida assumido na atualidade por algumas mulheres não cabe mais a exclusividade do cuidado com as crianças. Ser mãe é tão natural quanto ser pai, biologicamente, o corpo é preparado para tal, contudo a maternagem é resultado de uma construção relacional diária e não depende apenas da mulher para que ocorra, elementos como crenças, valores, momento de vida, rede de apoio, condições sócio-econômicas afetam essa construção.

2.2 A mulher-mãe e não mãe contemporânea

A Revolução Industrial, a ascensão com capitalismo e as Guerras Mundiais foram momentos históricos importantes para que a mulher se inserisse no mercado de trabalho. Com a conexão entre processos sociais e globalização econômica cada vez mais se precisou da mulher nas fábricas para aumentar a produção (SCAVONI, 2001). Neste período iniciou-se um movimento da necessidade da educação também para as mulheres, assim para além do papel de ser mãe surge à necessidade da mulher na linha de produção fabril, dando espaço para outras possibilidades de ser (RESENDE E BEDRAN, 2017).

A partir do século XX muitas mudanças ocorreram nas práticas e papéis sociais dos indivíduos, homens e mulheres. As mudanças em relação à mulher são marcantes e transformam o seu lugar e sua posição na sociedade. A partir de então há a recorrente entrada de mulheres no mercado de trabalho fora do lar, buscando independência financeira e

autonomia, por vezes conciliando com a maternidade ou, ainda, adiando ou negando a necessidade de se ter um filho (COLARES E MARTINS, 2016).

Vale ressaltar que essa não é a realidade comum a todas as mulheres, é necessário que se faça um recorte social, histórico e econômico, pois a escolha pela não maternidade e o contexto de trabalho a qual nos referimos não é universal. A mulher, a depender do status social em que está inserida, terá condições e qualidade de vida muito diferentes umas das outras (PATIAS E BUAES, 2012).

Como destaca Gonzaga e Mayorga (2019) a submissão feminina prevista para as mulheres europeias não era possível para as mulheres negras e indígenas, pois estas eram consideradas não humanas e inferiores. As autoras fazem uma comparação com a figura santificada de Maria em que constantemente a mulher-mãe é comparada. A mulher negra e as indígenas não cabiam na figura imaginária da “virgem que aceita o seu destino”.

Colares e Martins (2016) ressaltam ainda que mesmo que nos dias atuais haja um incentivo por meio dos familiares e da sociedade, para que as mulheres estudem e invistam na sua carreira profissional, há ainda uma expectativa de que um dia a mulher venha a cumprir o “principal” papel, que corresponde ao de ser mãe. Desse modo, é necessário que haja uma ressignificação da mulher na contemporaneidade, que sejam priorizadas as suas vontades e desejos singulares, entendendo que estes se dão para além do desejo pela maternidade.

Os corpos femininos são socialmente lidos como mães em potencial, mesmo que o desejo pela maternidade não exista, mesmo que as mulheres neguem o exercício desse papel social, ainda assim corpos femininos são constantemente definidos pela maternidade, ou pela sua ausência (GONZAGA E MAYORGA, 2019).

Ainda que diversas conquistas sociais tenham ocorrido, o papel da maternagem como inerente a figura feminina é muito presente nos dias atuais. Esse papel que ronda o imaginário social pode ser fonte geradora de muito sofrimento caso a mulher entenda, frente às pressões sociais, que não está cumprindo o seu papel de “ser mãe” ou até mesmo que não queira exercer esse papel (MENEZES, *et al.*, 2012).

Frente a isso, Gonzaga e Mayorga (2019) problematizam como é possível recusar o papel que produz respeitabilidade dentro desse sistema patriarcal? Quando, na verdade, dentre todos os mitos que o patriarcado criou e cria, “a maternidade é aquele que mais efetivamente acreditamos, vivenciamos, defendemos e reproduzimos.” Este pensamento corrobora com Colares e Martins (2016), em que por mais que a mulher exista em outros espaços políticos e sociais, sempre é questionada quando seu “principal papel” será cumprido. Não são levados em conta, no entanto, os seus desejos, vontades e expectativas.

A procriação é um fator biológico natural, sendo para a mulher uma condição permanente, se desejado. Arrais (2005) defende que, em contrapartida, tornar-se mãe é entendido como um fenômeno social e cultural reforçado pelas ideias e ideologias que foram predominantes nos mais diversos períodos históricos.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Tipo da pesquisa e caracterização campo-tema

A referente pesquisa é de base construcionista, esta é caracterizada enquanto um movimento, uma postura crítica diante do mundo e não enquanto uma teoria. Não buscamos encontrar verdades ou princípios pré-estabelecidos e inquestionáveis, diferentemente disso, esta se posiciona de modo não representacionista, pois considera a linguagem uma forma de ação no mundo e o discurso enquanto prática discursiva. Além disso, é também antiessencialista, isto é, considera que as pessoas se constituem a partir das práticas sociais e não são detentoras de uma natureza determinada; por fim, é também antirrealista, pois permite uma atitude relativista, onde a realidade é configurada no emaranhado de versões que se constroem na coletividade (MACÊDO, 2018).

A noção de campo dentro da perspectiva construcionista, vai além do microlugar físico o qual destinamos a produção de dados, desse modo, entendemos então como sendo um campo-tema, pois, o tema pesquisado torna-se campo constante para o pesquisador, em qualquer microlugar que este esteja. Por meio da atenção flutuante, se produz diversas informações em cenários cotidianos nos quais se fala, dialoga-se ou escuta-se sobre o campo e o objeto de estudo. Dessa forma, o pesquisador está sempre imerso no seu campo, para além dos microlugares propostos no seu projeto (SPINK, 2008).

Entretanto, para melhor detalhamento metodológico, especificamos os microlugares relacionados ao contexto de produção de informações dessa pesquisa, escolhendo o Google Forms, trata-se de um aplicativo de gerenciamento de respostas lançado pelo Google, sendo uma excelente ferramenta para pesquisar e coletar informações de maneira rápida e eficiente, além de garantir sigilo aos participantes. Segundo Spink (2008), o mundo virtual também pode ser compreendido como um espaço composto por microlugares, “um fluxo de pedaços, frouxamente interconectados”.

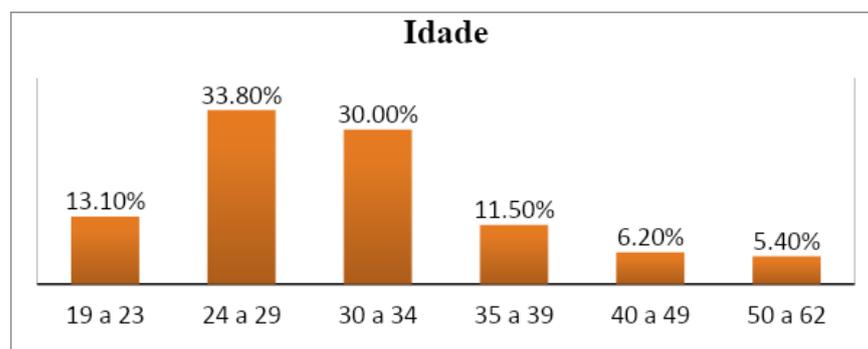
Além disso, para divulgação da pesquisa, foi utilizada a rede social da pesquisadora, o Instagram (@marianafilgueirav) foi o aplicativo escolhido a fim de atingir o maior número de

mulheres-mães que pudessem responder ao questionário. Ainda segundo Spink (2008) os microlugares com seus horizontes diversos, são produtos e produtores de muitos processos sociais e identitários. Pois, o cotidiano compõe-se de muitos microlugares, não devemos compreendê-lo apenas como um “contexto eventual ou um ambiente visto como pano de fundo”, os microlugares são construídos pelo conjunto em tarefa coletiva, permanente e sem fim.

3.2 Caracterização dos participantes

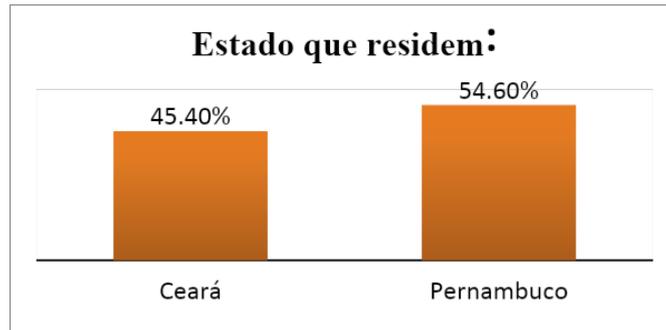
A pesquisa continha dados sociodemográficos, apresentados abaixo a partir dos dados colhidos pelo IBM SPSS 20, onde foi realizada a tabulação dos dados. Foram feitas análises estatísticas descritivas e inferenciais de modo a proporcionar comparações entre os dados analisados no questionário sobre a maternidade e a maternagem, os gráficos apresentados foram criados no Excel após a tabulação dos dados.

A pesquisa com 131 (cento e trinta e uma) respostas do público-alvo que eram mulheres-mães, entretanto, apenas 130 (cento e trinta) questionários foram válidos ao final da pesquisa. A idade das participantes variou entre 19 e 62 anos, contudo a maior parte das respostas (33,8%) foi respondida por mulheres com idades que variaram entre 24 e 29 anos.



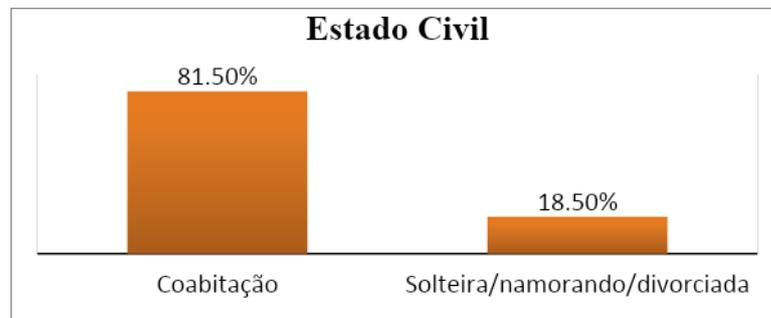
Fonte: Autora, 2020

A mesma foi direcionada as mulheres-mães que residem no Estado do Ceará e Pernambuco, ao final, a população geral da pesquisa consistiu em 54,6% que moram atualmente no Pernambuco e 45,4% no Ceará. Inicialmente pensou-se em direcionar para os Sertões de cada estado, contudo, como a pesquisa foi realizada de forma online não foi possível ter controle de onde as pessoas respondiam ao questionário. De tal forma, durante a divulgação da pesquisa direcionou-se para os Estados do Ceará e Pernambuco.



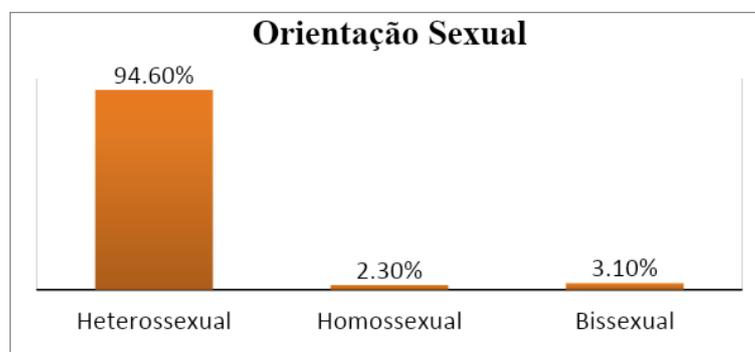
Fonte: Autora, 2020

Quanto ao estado civil foram criadas 02 (duas) categorias após a produção de dados no questionário, sendo (1) coabitação (casada ou mora junto): contabilizando 81,5% da amostra e (2) solteira / namorando / divorciadas sendo 18,5% do total.

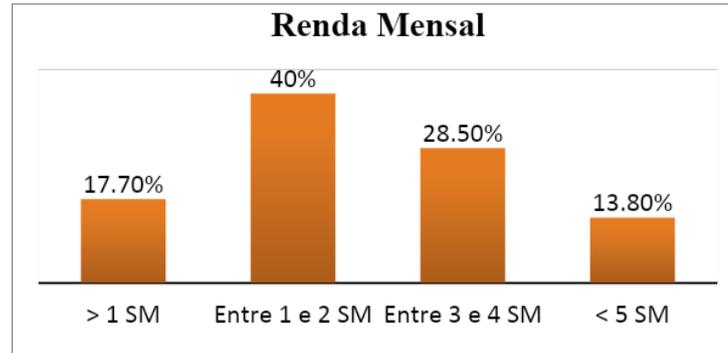


Fonte: Autora, 2020

Quanto à orientação sexual, mais da metade da amostra declarou-se como heterossexual, sendo 94,6% do total, enquanto 3,1% disseram ser bissexual e 2,3% homossexual. Em relação à renda mensal das participantes, a amostra demonstrou que 40% dessa população, tem sua renda concentrada entre 01 e 02 salários mínimos, enquanto 28,5% tem renda de 03 a 04 salários mínimos, 17,7% menor que 01 salário e 13,8% de 05 a mais salários mínimos.



Fonte: Autora, 2020



Fonte: Autora, 2020

3.3 Produção de informações

Dentro da perspectiva campo-tema, é possível que cotidianamente se possa estar disponível para produzir sentidos e informações que influenciam na composição de articulações e olhares diferenciados para a temática em questão. Contudo, foi delimitado um microlugar para que a produção de dados ocorresse. Foi utilizado o questionário como forma de obtenção de produção de dados.

O questionário, segundo Gil (1999, p. 128), é uma técnica que pode ser definida como “uma investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Tendo isso em vista, foi disponibilizado um questionário estruturado, a partir da plataforma do Google Forms, sendo esse um aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo Google, divulgado por meio de redes sociais como Instagram (@marianafilgueirav). A ferramenta foi direcionada a mulheres-mães, que tivessem 18 (dezoito) anos ou mais e residissem na região do Ceará e Pernambuco.

O mesmo foi criado pela pesquisadora e a orientadora da pesquisa, composto por perguntas sociodemográficas (já expostas na caracterização das participantes), a fim de compreender o contexto em que as participantes estão inseridas e a segunda parte relacionava-se as vivências de mulheres-mãe com relação à maternagem.

Ao todo o questionário tinha 13 (treze) questões, sendo 06 (seis) a respeito de dados sociodemográficos, constando a idade, estado onde reside, profissão, estado civil, orientação sexual e renda mensal; 07 (sete) questões buscando analisar as vivências e olhares sobre a maternidade e maternagem, apenas 01 (uma) questão aberta sobre o que é ser mãe para a participante (*anexo 1*). A partir das alternativas, as participantes deveriam marcar o que mais correspondia a sua realidade, sendo possível marcar apenas uma alternativa nas questões de múltipla escolha.

A produção de dados ocorreu no mês de Outubro do ano de 2020, estando disponível na plataforma do Google Forms do dia 14 Outubro até o dia 25 do mesmo mês.

3.4 Metodologia de análise das informações

A análise das informações partiu do movimento de análise dos questionários que foram respondidos, seguindo o caminho da produção de mapas dialógicos para a compreensão de repertórios linguísticos. O mapa dialógico é compreendido enquanto uma ferramenta que possibilita visualizar vozes, as interanimações dialógicas, as posições, a dialogia presente nos discursos e também apresenta rigor metodológico, pois explicita os passos de busca e de análise das informações obtidas, visando à reflexividade do pesquisador no processo da pesquisa (NASCIMENTO, TAVANTI, PEREIRA, 2014).

Nesse caso, os mapas dialógicos foram utilizados na análise da produção dos questionários, enquanto as categorias foram criadas a posteriori, após uma leitura flutuante e a montagem do repertório linguístico. As categorias foram criadas a partir da questão aberta do questionário que perguntava: “o que é ser mãe?”, a partir dessas etapas, foi possível visualizar de forma mais nítida o quê desses discursos se repetiam e então as categorias receberam os nomes a partir das próprias respostas das participantes. Sendo elas: (a) ser mãe é padecer no paraíso; (b) ter o coração fora do corpo; (c) abdicação é a palavra, categorias essas que se complementam.

A produção dos mapas dialógicos foi resultado das respostas obtidas através dos questionários remeteu a uma melhor visualização e análise dos repertórios linguísticos, entendendo que estes podem ser compreendidos como linguagens sociais, discursos próprio de um estrato social que o produziu (MACÊDO, 2018).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados aqui apresentados mantêm-se fiéis ao objetivo de analisar como a maternidade é vista pelas mulheres-mães, a partir de um movimento de reflexão e análise, sem nenhuma obrigação com a verdade racionalista, posta sob o crivo da ciência, mas comprometidos eticamente com a postura crítica diante do mundo, com a relatividade dos olhares lançados sobre o mesmo questionamento, considerando a realidade enquanto composição de emaranhados de versões construídas no coletivo.

Partindo desse pressuposto, discutiremos as categorias criadas a partir das respostas produzidas no questionário sobre o que é ser mãe. É válido destacar que as categorias se complementam entre si, visto que partem do mesmo questionamento e são partes destacadas dos discursos.

4.1 Ser mãe é padecer no paraíso

Ser mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe é padecer no paraíso (COELHO NETO).

Acima, vemos um pequeno trecho escrito por Henrique Maximiano Coelho Neto, romancista, brasileiro, homem, escritor de um dos sonetos mais conhecidos da língua português. No seu soneto, descreve o que ele pensa sobre ser mãe.

Na análise dos resultados, classificamos 44 (quarenta e quatro) discursos que condizem ou que fazem referência ao que o referido escritor descreve, para tanto se faz necessário discutirmos sobre as palavras “padecer” e “paraíso”. Padecer, no dicionário online Michaelis refere-se a ter firmeza e resistência a algo, aguentar, suportar. Enquanto a palavra paraíso faz referência a um lugar ideal, onde reina a felicidade, um lugar agradável que encanta pela beleza e tranquilidade. Logo, podemos compreender a oração “padecer no paraíso” como sofrer quando tudo deveria estar bem.

Não obstante, nas falas das participantes da pesquisa sobre o que é ser mãe observamos a dualidade de sentimentos muito presente, por vezes, levando a compreensão de que tal vivência é inerente à figura da mulher que materna, como nos trechos destacados abaixo:

É sorrir na angústia, é chorar na alegria. É o sentimento mais complexo, louco e desafiador que alguém experimenta. Ser mãe dói, desgasta, fere, é auto negação... Mas não consigo me imaginar não sendo. (A, 31 anos)

Padecer no paraíso, literalmente. Se estressar, brigar, e mesmo assim amar aquelas pessoinhas que tiram seu juízo. (B, 29 anos).

“Ser mãe é padecer no paraíso”. Ou seja, é desafiador, cansativo, por alguns momentos angustiantes, mas pra mim foi a maior realização da minha vida! (C, 29 anos).

Ambiguidade é o repertório linguístico dessa categoria, visto que a noção de paraíso e padecer são contrárias entre si, assim como apresentadas nos discursos. Entretanto é necessário que discutamos a visão social da maternidade nos dias atuais e como os discursos obtidos através da produção de dados são rodeados pelo que é imposto socialmente. Visto que

é imposto à mulher cuidar dos filhos, devendo essa ser sua prioridade e entendida como função inata a figura feminina, já que ela quem gesta e pari, comumente se espera que a condição de conceber seja vista como privilégio, desde que a mulher seja a “mãe boa” ou mãe ideal.

Esse conceito tem se alterado no decorrer da história, contudo, há ainda o peso dos cuidados maternos voltado para a figura da mulher. Na atualidade, as mulheres buscam ocupar outros lugares que não o de cuidar do lar, entretanto, essa função não é excluída da sua rotina, o trabalho fora do lar foi adicionado às ditas funções maternas. Durante o século XIX, com a revolução industrial os papéis de gênero materializaram-se, aos homens cabiam estabelecer-se na esfera pública sinônimo de racionalidade, competitividade, progresso enquanto para as mulheres cabia a esfera privada, associada aos sentimentos em geral como amor, altruísmo, compaixão e cuidado. Tudo fundamentalmente embasado em um discurso moralista e higienizador (DONATH, 2017).

Séculos à frente, através da luta de diversos movimentos feministas, a concepção de lugar de mulher, de mãe, de ser humano foi e está se alterando. Atualmente os espaços midiáticos têm permitido que as mulheres dividam as suas experiências, tornando essas mulheres-mães humanas no seu sentir. É necessário dar espaço de fala e deixar que mulheres falem sobre o que é ser uma mulher-mãe. Mulheres, mães, que podem falar sobre o que é ser mãe, diferentemente do referido escritor, romancista e homem escreveu destacam o lado romântico em volta da maternidade.

É ter expectativas romantizadas frustradas o tempo inteiro (D, 28 anos).

A maternidade pode ser muito romantizada, ela tem muito peso na vida de uma mulher, mas ela também trás consigo o melhor recomeço (E, 24 anos).

Ambas destacam a romantização que há na maternidade, cabe ressaltarmos nesse sentido, os inúmeros discursos sociais que são construídos e reforçam o papel da mulher como mãe no decorrer da história feminina na sociedade moderna.

É comum encontrarmos discursos literários que trazem a mulher-mãe como alguém feliz e realizada o tempo inteiro, qualquer mulher que contrarie essa imposição é vista como alguém que foge da sua natureza, questionando o que discursivamente foi instituído como sua essência. Com a evolução da tecnologia, percebemos o discurso midiático como um forte influenciador na idealização da maternidade, atualmente esses discursos aparecem de formas

sutis, entretanto, continuam instituindo a maternagem como um processo unicamente feminino e compulsório (CESÁR; LOURES E ANDRADE, 2019).

Para exemplificar essa mídia romântica Zanello (2016) provoca reflexão a respeito de uma propaganda feita pelo Ministério da Saúde do Brasil de 2016 com o intuito de incentivar o aleitamento materno. A partir de uma análise da imagem publicada, os autores supracitados identificam a mensagem de que uma mulher-mãe não sente ambivalência e dedica a vida a amamentar a sua cria. Nessa publicidade não há espaços que deixem aparecer insatisfação, cansaço, arrependimento, raiva ou dor. De formas sutis continua-se impondo as mulheres ideais do século XIX, de diferentes formas. Desse modo, podemos refletir sobre a romantização destacada na fala das participantes e como os discursos midiáticos podem ter forte influência sobre as idealizações da maternidade.

Outra percepção no decorrer dos discursos é que o amor é um sentimento que prevalece em todos eles, seja na palavra propriamente dita ou na forma como se refere a vivência da maternidade.

Ser feliz por ter trago ao mundo o amor de minha vida. **Mas** ao mesmo tempo me sentir sufocada, cansada e angustiada por tanta responsabilidade em minhas costas... (F,29 anos). *[Grifo da autora]*.

Passar 9 meses aleijada e o resto da vida doida! (Rsrs) **Mas** também é a melhor coisa do mundo! (G, 32 anos) *[Grifo da autora]*.

A pior e a melhor coisa do mundo! Dói muito, machuca, **mas** não há amor maior (H, 31 anos). *[Grifo da autora]*.

O ditado popular “ser mãe é padecer no paraíso” pode indicar aquilo que está dentro dos ditames sociais sobre como as mulheres-mães deveriam conduzir a sua relação com os seus filhos de forma a serem consideradas boas mulheres-mães, pessoas e, acima de tudo, seres morais. As falas acima podem demonstrar a normatização dos sentimentos em relação à maternidade, o ‘apesar de’, o paraíso mesmo que estejam padecendo, sufocadas, cansadas. Segundo Donath (2017) diversos sentimentos existem de uma mãe em relação ao filho, como podemos visualizar nos discursos transcritos neste tópico, entretanto, existe uma expectativa de que todas as mães sintam-se sistematicamente da mesma forma se quiserem ser vistas como “boas mães”, e ainda que ela ame os seus filhos sem reservas nem condições, isto é, que os ame ‘apesar de’.

4.2 Ser mãe é ter o coração fora do corpo

Tendo em vista a construção histórica, social e política da maternidade, Maldonado (2017) é uma das autoras que defendem que o amor é uma construção subjetiva assim como qualquer outro sentimento, como raiva ou tristeza e que o “amor de mãe” é uma imposição social. Isso quer dizer que o amor de mãe é construído assim como um amor por um amigo, parente ou em qualquer tipo de relação. A maternidade teve durante muito tempo papel apenas biológico. Com as mudanças sócio-históricas passou a exercer também papel social, de tal forma que o amor e o afeto passaram a ser valorizados.

Muitos artistas e poetas já tentaram definir ou descrever o que é ser mãe e há algo em comum entre todos os discursos: o amor. Sentimento esse que socialmente e simbolicamente perpassa o discurso das pessoas ao se referir ao papel social de mãe, não obstante, esse foi o sentimento que perpassou a maioria das respostas obtidas nessa pesquisa. Mãe: sentimento puro, sublime, inexplicável, dom divino, sagrado, maior prova do amor de Deus. Essas foram algumas palavras apontadas no glossário do mapa dialógico feito a partir da análise da produção de dados. Por fim, a definição que deu nome a este tópico: ser mãe é ter o coração fora do corpo.

A imagem propagada dos sentimentos maternos foi transmitida através de gerações, de trocas de experiências, contos, histórias e mostram sempre a dedicação que uma mãe deve ter para com os seus filhos, em prol da sobrevivência e preservação deles (TOURUINHO, 2006), sendo esses sentimentos oriundos de uma boa mãe, como foi discutido brevemente no tópico anterior. Esses discursos de teor moralizador ainda nos dias atuais cobra das mulheres o amor e o cuidado incondicional com os seus filhos. Cobrança essa que é direcionada apenas as mulheres-mães, pois essa função de cuidado, atenção, sutileza é entendida socialmente como sendo de ordem feminina, observamos isso a partir dos discursos destacados abaixo:

É divino... Experiência mais incrível... (I, 35 anos).

Ser mãe é ser amor (J, 19 anos).

Se doar por inteira, é amar sem limites o verdadeiro amor da sua vida (K, 29 anos).

Ser mãe é assumir de Deus o dom da criação, da doação e do amor incondicional (L, 28 anos).

Os trechos acima demonstram que a experiência da maternidade é ligada ao divino, a doação, ao dom dado às mulheres por um ser superior que rege esse mundo. Tendo em vista

que vivemos em um país marcado pela tradição cristã, esses discursos talvez remetam a imagem da Virgem Maria e a maternidade enquanto esse espaço sagrado. Maria é a figura religiosa de referência sobre o amor e doação ao outro, a virgem que entregou o seu corpo de abrigo à pessoa que nos salvou, a que concebeu sem pecado, ou seja, sem sexo (TOURINHO, 2006; MALDONADO, 2017).

A exaltação da imagem materna profundamente ligada à figura da Virgem Maria configura as características essenciais ao ideal de maternidade imposto socialmente e religiosamente. A mulher-mãe nos dias atuais não se distancia da cultura cristã, dessa forma, ser mãe é compreendida por muitas mulheres como transbordar caridade, doçura, resignação constante, renúncia (MALDONADO, 2017).

Mãe é um ser sublime... Se sentir realizado quando em seu colo existe o amor que dinheiro nenhum compra (M, 34 anos).

Tudo pra mim!... Não vejo minha vida sem ser mãe, seria uma vida sem sentido... (N, 28 anos).

As revisões históricas a respeito da maternidade abrem espaço para questionarmos a existência de um “instinto materno”, como podemos discutir no decorrer desse trabalho. A noção de amor materno é um fato relativamente novo na história da civilização moderna e que pode abrir precedentes para que haja sofrimento psíquico em quem não se encaixa nos padrões pré-estabelecidos.

Na contemporaneidade, a maternidade é reconhecida em função de uma série de valores, sendo resultado de um processo histórico e cultural. De tal forma, o amor é atribuído à maternidade como sentimento inseparável da entidade “mãe”. Socialmente, torna-se mais oportuno a sustentação da concepção de que toda mulher-mãe tem condições de cuidar dos filhos, a ter que lidar com questões do desamparo de crianças que porventura podem não ter mães dotadas do “dom de amar” (ARTEIRO, 2017).

Em contrapartida, podemos visualizar também discursos em que as mulheres-mães se sentem realizadas em desempenhar este papel e que se encontram neste lugar.

Foi mais que uma realização, depois de duas perdas e uma gravidez de risco, ser mãe foi muito mais que sempre sonhei (O, 32 anos).

É a minha maior conquista! Ser mãe é multiplicar o amor. Tentei 22 anos para conseguir engravidar, após um parto prematuro com óbito (P, 41 anos).

Tendo em vista as discussões, o que se pretende aqui é compreender que o ideal da mãe construído por diferentes sociedades e por cada família com suas subjetividades, tem influências negativas e positivas para a mulher, bem como para todos que estão no seu convívio íntimo. Muitas mulheres sentem-se atormentadas pelo sentimento de culpa por sentirem que não cumprem bem o papel de mãe, talvez por ter sentimentos em relação à maternidade que não são aceitáveis socialmente, assim como existem mulheres-mães que sentem que desenvolvem bem este papel.

Finaliza-se este tópico com o poema sobre ser mãe de Cora Coralina, mulher, poeta e contista brasileira:

Renovadora e reveladora do mundo, a humanidade se renova no teu ventre.
 Cria teus filhos, não os entregue às creches. Creche é fria, impessoal.
 Nunca será um lar para o teu filho. Ele, pequenino, precisa de ti.
 Não o desligues da tua força maternal.
 Que pretendes, mulher?
 Independência, igualdade de condições... Empregos fora do lar?
 És superior àqueles que procuras imitar.
 Tens o dom divino de ser mãe.
 Em ti está presente a humanidade.
 Mulher, não te deixes castrar.
 Serás um animal somente de prazer e às vezes nem mais isso.
 Frígida, bloqueada, teu orgulho te faz calar.
 Tumultuada, fingindo ser o que não és,
 Roendo o teu osso negro da amargura.

Cora Coralina consegue neste poema transcrever muito do que foi discutido até então. A figura da mãe como renovadora da humanidade e, de fato, somente a pessoa do sexo feminino tem a capacidade fisiológica de gestar. Continuando, a escritora descreve o que socialmente é entendido como dom divino: a maternagem, isto é, os cuidados com o bebê e após a análise do poema, talvez Cora Coralina esteja fazendo uma crítica de maneira poética e cirúrgica sobre essas imposições, pois compreendemos que o ato de cuidado e amor é uma construção social e não inato ao feminino, podendo ser exercida por qualquer pessoa. Por fim, podemos refletir sobre a decisão de maternar. Não deixar-se castrar é não privar-se das outras diversas possibilidades de ser no mundo, inclusive de buscar independência e igualdade de condições. Contudo, é necessária a discussão sobre o amor materno amplamente, pois cada mulher deve ter em vista as potencialidades e desafios dessa vivência, diversa e múltipla para cada uma, devendo sempre ser levado em conta as singularidades de cada processo.

4.3 Abdicação é a palavra

Mama África tem
Tanto o que fazer
Além de cuidar neném, além de fazer denguin
Filhinho tem que entender
Mama África vai e vem
Mas não se afasta de você (CHICO CÉSAR – MAMA ÁFRICA)

A música Mama África escrita pelo cantor, compositor, jornalista, brasileiro e nordestino Chico César conta a história de mulheres, mães, negras, solteiras e que precisam trabalhar em outros lugares para se sustentar e sustentar as suas crias. Contudo, apresento a música como referência ao que foi categorizado a partir da análise do mapa dialógico, para tanto, se faz necessário analisar e refletir sobre o significado da palavra abdicação.

No dicionário online Michaelis abdicar significa abrir mão de, desistir, privar-se, desistência, resignação, renúncia. Historicamente, sabe-se que existem regressões e progressos na vida das mulheres no Ocidente. Durante as Guerras Mundiais as mulheres tiveram que sair das suas casas para trabalhar e ajudar no sustento das suas famílias e após esse período, diversos discursos como os das Igrejas, do Estado, da Ciência, da Filosofia foram convencendo a população feminina a dedicar-se às suas casas e famílias, visualizando este como sendo seu principal papel perante a sociedade. Todavia, como já explicitado, nem todas as mulheres encaixam-se nesse padrão imposto pela grande massa (RESENDE E BEDRAN, 2017).

Cabe destacar que o padrão de vida descrito não se encaixa na música Mama África, pois o corpo negro era obrigado a trabalhar fora de casa e a servir a burguesia. Não obstante, Chico César canta “mama África vai e vem, mas não se afasta de você”, pois, além de cuidar dos seus, as mulheres negras cuidavam e dedicavam-se aos filhos dos patrões (SOUZAS E ALVARENGA, 2017). A maternidade de mulheres negras no Brasil é outra possível e necessária vertente a ser aprofundada.

Atualmente é compreendido quase que por todos, que as mulheres não são limitadas à obrigatoriedade de “somente” ser mãe. Todavia, para ser reconhecida socialmente é necessário que se tenha uma profissão, que participe ativamente da educação dos filhos e que cresça profissionalmente (DONATH, 2017). Contudo, ao mesmo tempo em que existem discursos que fundamentam os cuidados maternos integralmente, apontam também que a mulher-mãe precisa dar conta de tudo, sem abrir mão de nada (CÉSAR; LOURES E ANDRADE, 2019). Essa contradição pode ser geradora sofrimento em relação à maternidade e pode fazer com que a mulher se sinta duplamente culpada: seja por não se dedicar ao filho ou por não se dedicar a sua carreira profissional, assim como descreveram as participantes:

É parar um pouco a ascensão profissional para me dedicar aos meus filhos e ficar babando encantada por eles! (Q, 31 ANOS)

Ser mãe é ser tudo. Você precisa dar conta de tudo, estar sempre ali para o seu filho, principalmente sendo mãe solo (R, 20 anos).

Abdicação seria a palavra. Viver em função do outro, de forma a ser uma mãe suficientemente boa (S, 21 anos).

Percebe-se com esses trechos o teor de privação e renúncia da própria vida de mulher, levando a compreensão de que a maternidade é esse espaço de abdicação de si mesmo, como a participante destacou. Maternar seria então um sacrifício, abrir mão de si mesma em prol de outrem, doar-se inteiramente sem ter certeza alguma se terá retorno futuramente e ainda assim sentir-se bem por fazê-lo, sendo reconhecida socialmente como uma “mãe suficientemente boa”.

São tantas renúncias onde o amor prevalece em todas as atitudes... Não é fácil, mas às vezes temos que ser tipo mulher maravilha... (T, 49 anos).

Não sei, acho que ajudar um ser humano a se desenvolver de forma livre e autônoma sendo que com uma sensação de imensa responsabilidade ou culpa (U, 31 anos).

É importante pensarmos sobre como os papéis de gênero criados desde a mudança de concepção sobre a maternidade são ainda hoje fundamentadores desses ideais de que a mulher precisa dar conta de tudo e ser a super-heroína, ainda que se sintam sobrecarregadas diante de tantas responsabilidades e culpas internalizadas. As ideologias capitalistas, patriarcais, heteronormativas, medicalizantes e nacionalistas seguem mantendo as divisões de trabalho de acordo com o gênero, talvez seja necessário se contrapor a estes ideais para que haja uma divisão de tarefas justa.

Uma coisa é atar as mulheres à maternidade, outra, muito diferente, é atar *todas* elas à mesma determinação extremamente rígida sobre *como* deveriam exercer essa maternidade, mesmo que as mães não criem nem protejam seus filhos de maneiras ou em circunstâncias sempre idênticas, nem tenham que necessariamente se encarregar desse cuidado (DONATH, 2017, p. 53).

É fato que todo ser humano nasce de uma mulher, mas deveria ser fato também que nenhuma mulher nasce mãe. A maternagem é construção social, parte de algo imposto historicamente através de papéis de gênero, desse modo, isso não deveria obrigar as mulheres a se comprometerem sozinhas com os cuidados, proteção, educação, exigindo dela que seja a “mulher maravilha”. Donath (2017) no trecho citado acima reflete sobre a determinação de

como a maternidade deve ser exercida pelas mulheres-mães e ainda como se esta função fosse inerente e exclusiva ao feminino. Quando a realidade foge ao padrão, é vista como anormal ou não natural, quando na realidade é uma construção social.

A compreensão de que a maternidade é obrigação inteiramente da mulher-mãe a leva ao cansaço extremo e ainda é invisibilizado socialmente. Ter consciente que precisa ser forte e heroína todos os dias pode acarretar muita angústia, para isso, é importante que essas mulheres tenham espaços de fala para cantar ou gritar, por exemplo, o que Chico César compôs: “mama não quer brincar, filhinho dá um tempo, é tanto contratempo no ritmo de vida de mama”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre maternidade nos dias atuais se faz cada vez mais necessário, pois ampliar a fala de mulheres-mães pode sinalizar diversas formas do exercício de maternar, visto que no decorrer da pesquisa ficou entendido que esta é uma construção social. As mulheres cada vez mais estão tendo oportunidades de ocupar outros espaços para além de suas casas. Pode-se observar aqui que o sentido que as participantes atribuem a maternidade é por vezes ambígua, na maioria das vezes um amor idealizado e que tem um viés cristão e em outros momentos, analisamos que a maternidade pode vir como uma forma de realização pessoal ou até mesmo conquista.

Explanar na pesquisa a construção da maternidade do decorrer da história dentro da Psicologia faz-se necessário, pois atualmente dados científicos apresentam uma alta taxa de adoecimento mental durante o período perinatal, mais de 40% das gestantes no Brasil apresentam alguma alteração emocional significativa no período perinatal (ARRAIS; ARAUJO; SCHIAVO, 2019). De tal forma que é importante nos questionarmos até que ponto as imposições sociais são fatores contribuintes nas formas de adoecimento psíquico em mulheres-mães na contemporaneidade.

Não se busca com as análises e reflexões estabelecer uma verdade absoluta sobre a experiência das mulheres-mães, pois compreendemos que cada vivência é única e depende do meio social em que cada uma está inserida, cada face desvela significados e diversas formas de se expressar no mundo. Não obstante foi alinhado a essa ideia e valorizando à singularidade da experiência de ser humano, que a escolha metodológica teve base construtivista. Afinal, se acredita no movimento do ser no mundo, tendo uma postura crítica diante deste. Buscou-se levantar reflexões e dar possibilidades de novas pesquisas

aprofundando o tema e dando espaço para que mulheres-mães exponham as suas vivências, possibilitando a Psicologia enxergar formas de intervenções e trabalhos psicológicos.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Alessandra da Rocha. A Configuração subjetiva da depressão pós-parto: para além da padronização patologizante. 2005. 158 f. Tese (**Doutorado em Psicologia**) — Universidade de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/14011>> acesso em 29 de Nov. 2020.

ARRAIS, Alessandra da Rocha; ARAUJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de; SCHIAVO, Rafaela de Almeida. Depressão e ansiedade gestacionais relacionadas à depressão pós-parto e o papel preventivo do pré-natal psicológico. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande , v. 11, n. 2, p. 23-34, ago. 2019 .

ARTEIRO, Isabela Lemos. A mulher e a maternidade: um exercício de reinvenção. Tese (**Doutorado em Psicologia**) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: < <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/973>> acesso 01 Dez. 2020.

BALUTA, Maria Cristina; MOREIRA, Dirceia. A injunção social da maternagem e a violência. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 27, n. 2, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2019000200216&tlng=pt> acesso em 29 abr. 2020.

CÉSAR, Ruane Cristine, Bernardes; LOURES, Amanda Freitas; ANDRADE, Barbara Batista Silveira. **A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher**. Revista Mosaico, 2019.

COELHO NETO, Henrique Maximiano. **Ser mãe**. Academia Brasileira de Letras: Rio de Janeiro, s/a. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/textos-escolhidos>> acesso em 29 de Nov. 2020.

CHICO CÉSAR. **Mama África**. Gravadora: MZA Music. (Suporte: 3min50seg)

COLARES, Sthephany Caroliny dos Santos; MARTINS, Ruimarisa Pena Monteiro. Maternidade: uma construção social além do desejo. **Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações**, v. 6, n. 1, 2016, p. 42-47. Disponível em: <file:///C:/Users/CLIENTE/Downloads/2654-7995-1-PB.pdf> acesso em 12 Jun 2020.

CORA CORALINA. **Mãe**. Disponível em: <<https://eueapsicologia.com/marte/quintana-cora-e-drummond-poema-para-as-maes/>> acesso 29 de Nov. 2020.

CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a maternidade. *Análise Psicológica* (1998), 3 (XVI): 365-371, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v16n3/v16n3a02.pdf> acesso em 12 Jun. 2020

DONATH, Orna. **Mães arrependidas**: uma outra visão da maternidade; tradução Marina Vargas. 1ª ed. – Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZAGA, Paula Rita Barcelar e MAYORGA, Cláudia. Violências e Instituição Maternidade: uma Reflexão Feminista Decolonial. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 39(n.spe 2), 59-73, 2019. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003225712>

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 55-62, jun. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 abr. 2020.

MACÊDO, Moema Alves. Integração serviço-ensino-comunidade: educação popular em saúde e coprodução de competências na graduação. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde. Maceió, 2018.

MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida, PENNA, Cláudia Maria de Mattos e CALEIRO, Regina Célia Lima. Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. **Saúde em Debate [online]**. v. 43, n. 123 pp. 1120-1131, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104201912311>> acesso em 29 abr. 2020.

MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da gravidez**: gestando pessoas para um mundo melhor. São Paulo: ideias e letras, 2017

MENEZES, Rafael de Souza et al . Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos. **Constr. psicopedag.**, São Paulo , v. 20, n. 21, p. 23-47, 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542012000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 jun. 2020.

Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Versão online, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>> acesso 29 Nov. 2020.

MOURA, Solange Maria S. R. de; ARAÚJO, Maria de Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n.1, p.44-55, Mar. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 abr. 2020.

NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano do; TAVANTI, Roberth Miniguine; PEREIRA Camila Claudino Quina. O uso de mapas dialógicos como recurso analítico em pesquisas científicas. In: **A produção de informação na pesquisa social – compartilhando ferramentas**. SPINK, Mary Jane et al., Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/CLIENTE/Downloads/2014-A_producao_de_informacao.pdf> acesso em 29 Nov. 2020.

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. "Tem que ser uma escolha da mulher"! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte. v.24, n. 2, p. 300-306, Ago. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822012000200007&script=sci_arttext acesso em 23 Jun. 2020.

RESENDE, Deborah Kopke e BEDRAN, Paula Maria. **As construções da maternidade do período colonial à atualidade:** uma breve revisão bibliográfica, 2017.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface _ Comunic**, Saúde, Educ, v.5, n.8, p.47-60, 2001. <<https://www.scielo.org/article/icse/2001.v5n8/47-59/>>. Acesso 30 de Set. de 2020.

STELLIN, Regina Maria Ramos *et al.* Processos de construção de maternagem. Feminilidade e maternagem: recursos psíquicos para o exercício da maternagem em suas singularidades. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 16, n. 1, p. 170-185, jun. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282011000100010> acesso em 23 Jun. 2020.

SOUZAS, Raquel; DE ALVARENGA, Augusta. Thereza. Mulheres negras e brancas e a maternidade: questões de gênero e raça no campo da saúde. **ODEERE**, [S. l.], v. 2, n. 3, 2017. DOI: 10.22481/odeere.v3i3.1581. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/1581>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. spe, p. 70-77, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000400010&script=sci_abstract&tlng=pt> acesso 29 de Nov. 2020.

TOURINHO, Julia Gama. **A mãe perfeita idealização e realidade** - algumas reflexões sobre a maternidade. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, IGT na rede, v.3, n.5 2006.

ZANELO, Valeska. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a psicologia, 2016. In: **Conselho Federal de Aborto e (não) desejo de maternidade(s):** questões para a Psicologia. ZANELO, Valeska; PORTO, Madge. Conselho Federal de Psicologia – Brasília: CFP, 2016.